

São tão simples os homens que o que quer enganar outro encontra sempre algum que a tanto se presta.

Maquiavelo

ANO V — N.º 100
JANEIRO

13
1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de LOULÉ



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 1-4 F A R O

DIRECTOR

JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO

JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

Ou Sagres ou... o Bugio!

A notícia de desistência da erecção, em Sagres do monumento ao Infante ex-de Sagres, teve repercussão diversa conforme as regiões do País.

A grande parte da imprensa algarvia deu a notícia em 3 secas linhas sem comentário, o que quer dizer: ou propositado indiferentismo (o amor paga-se com amor...) ou índice do «Maria vai com as outras», tão perigoso em civilidade como no resto, e por que a massa algarvia se vai deixando dominar.

Certa imprensa de outros sítios, que aprovou, e até aplaudiu, a escolha do Promontório quando ela foi decidida por decreto, com relatório justificativo, assinado por todos os ministros e referendado pelo Presidente da República e que foi revogado pelo Conselho de Ministros, voltou agora a achar sítio bizarro a magestosa rocha onde a terra acaba e o mar começa.

E embora o prato de resistência seja «o fóra de mão» em que está Sagres, há quem proponha, em artigo no «Diário Popular»,

que o monumento seja levantado nada mais nada menos que no Bugio!

Parece-nos que aí estaria não só fóra de mão como também «fóra de pé», porque se a Sagres ainda o português pode ir de automóvel, de carroça, de bicicleta e até a pé, para ver o monumento, no Bugio teria de alugar uma canôa e esperar por bom tempo, exigências mais do que suficientes para mandar bugiar a visita mais... o jornalista que, sem ofensa à memória sacrossanta do Grande Príncipe, o quer mandar para o Bugio.

E daí o que era preciso era tirar o monumento ao Algarve e os detractores de Sagres ganharam, não porque não gostem de Sagres, mas porque o que interessava era puxar o monumento para o norte... Sempre há comboios, que é coisa que não temos.

Ainda havemos de ver a Batalha transferida para o Rossio e a mata do Busaco enquadrada no Jardim da Estrela... a menos que o Terreiro de Paço mude bastante para o Norte.

A propósito de Poesia

—PORQUE razão tem de existir um critério racional na apreciação da obra de arte.

A razão é óbvia. Em primeiro lugar porque sem critério não há possibilidade de selecção seja em que matéria for. Não seria possível — até por definição — construir uma Crítica; e no caso particular da Poesia nada haveria que justificasse a formação de uma Antologia.

Em segundo lugar porque critério significa raciocínio, julgamento; e daqui, por natureza e também por definição, todo o critério é actividade racional.

O que leva à leviana afirmação de negar todo e qualquer racionalismo na apreciação da obra de arte é a tendência natural para separar as duas actividades do espírito — Sentimento e Razão — afastando-as para campos extremos, irreductíveis, considerando cada uma com o seu valor absoluto próprio.

Isto é uma tendência natural mas que indus em erro quanto à origem e essência dessas actividades.

Sentimento — ou melhor, Sensibilidade — e Razão, estão intimamente associados. Ninguém poderá ter uma ideia do que seria um indivíduo possuindo apenas a faculdade de sentir sem nenhuma faculdade de pensar — ou vice-versa. As duas faculdades influenciam-se mutuamente e vivem na dependência uma da outra. Há exemplos típicos de indivíduos em quem essas faculdades se manifestaram conjuntamente no mais elevado grau. Citarei dois muito conhecidos: Leonardo da Vinci e Goethe. Ambos foram simultaneamente criadores de obras de ficção poética e realizadores de obra científica.

Por A. Santa Clara

A vulgar e corrente afirmação de que um aluno tem jeito para Letras e não o tem para Ciências, não corresponde a uma verdade; o que realmente se passa não é uma questão de jeito mas sim de gosto. E' ao professor que compete criar este gosto, fazendo despertar a curiosidade do aluno e mostrando-lhe o lado inteligente da matéria que ensina.

Se o aluno é inteligente, sê-lo-á para todas as matérias de estudo. Assim, a conhecida aversão pela Matemática que existe em muitos rapazes que dão provas de raciocinar bem noutras disciplinas, não corresponde a outra coisa senão ao desinteresse desses rapazes por esse ramo de estudo que exige maior esforço de atenção em resultado do seu carácter abstracto.

Tudo o que se aprende está na Natureza e é-nos presente aos sentidos. As próprias imagens despertam interesse; o

(Continuação na 3.ª página)

Corrente calamo

Sob o signo de Marte

É um hábito trazido pela Civilização assinalar a passagem do ano com manifestações de alegria. Trata-se como que de celebrar um aniversário do próprio Tempo, digamos, os Anos dos próprios anos.

E porque o tempo é comum a toda a gente, todos, pelo simples facto de existirem, sentem ser seu o momento que celebra a existência. Momento que, aliás, em bom vigor aqui não existe, pois, quando se passa de um ano para o outro, apenas se liga dois pontos consecutivos e incidíveis da mesma realidade temporal.

Passagem é apenas essa ligação, tão ténue que só na imaginação existe e sem autonomia para nela se poder viver.

Com mais ou menos (ou sem) propriedade, no entanto, só nos resta um facto: comemora-se a passagem do ano. E' como que um balanço unilateral da situação do espírito, com a inventariação exclusiva das parcelas positivas: alguma boa recordação do Ano Velho, todas as risinhas esperanças do Ano Novo.

Mas se as recordações de 1956 são muitas — e muito mais será risonho o que é legítimo esperar de 1957?

Foi-se um, que era bissexto. Veio outro. Que apresentação nos traz?

Notícia alguma poderia ser recebida com maior pena por quem se interesse pela sorte dele do que aquela de ter nascido sob o signo de Marte.

Se Marte é o deus da guerra, tanto basta para que nós — que já vivemos ou sentimos o fragor ou o rescaldo das duas maiores lutas da história da Humanidade; que vimos abalar-se a saúde, a economia e o bem-estar de povos guerreiros e de povos pacíficos; que assistimos à chamada

(Continuação na 2.ª página)

Pedimos

a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de correio, a especial fineza de nos remeterem a importância das suas assinaturas, o que desde já muito agradeceremos.



Eng. Artur do Canto Resende

In Memoriam

Ao Engenheiro Geógrafo
 Artur do Canto Resende

DO Sindicato Nacional dos Engenheiros Geógrafos recebemos uma rica publicação, integrada nas homenagens prestadas pelo décimo aniversário da morte do Engenheiro Canto Resende, considerado, postumamente, Herói e Martir da Pátria, durante a ocupação dos japoneses em Timor e condecorado com a «Torre e Espada».

Quem foi Canto Resende e que feitos mereceram tais galardões, diz nos exuberantemente o seu «In Memoriam» que é um repositório de artigos dos jornais, de conferências, de citações honrosas, de depoimentos de altas figuras da vida pública portuguesa e dos que no infortúnio e na miséria daqueles dias de trágica e odiosa escravatura que a gente lusa sofreu sob a pata nipônica foram seus companheiros e assistiram à sua morte.

Os japoneses assaltando Timor
(Continuação na 4.ª página)

«Diário Ilustrado»

A CABA de aparecer na capital mais um interessante Diário, que veio preencher uma velha lacuna em aberto na grande imprensa.

O «Diário Ilustrado» sai em Lisboa cerca das 14 horas e, no mesmo dia, é distribuído em todo o País levando portanto as mais rápidas notícias a todo o Continente, pois a sua distribuição é feita por automóveis da própria organização.

Bem colaborado, com um magnífico aspecto gráfico, o novo vespertino tem imposto a sua simpatia e procura conquistar leitores através da grande profusão de reportagem que apresenta.

E' distribuído em Loulé, por cerca das 18,30.

Rua da Carreira

Foram há dias iniciados os trabalhos de reparação e calcetamento do troço da Rua da Carreira compreendido entre as Ruas Padre António Vieira e General Gomes da Costa e portanto junto à redacção do nosso jornal.

Muito nos regosijamos com o facto, pois vem de encontro a uma presente necessidade desta zona da vila que, sendo das mais centrais, não está ainda convenientemente urbanizada como merecia.

Embora o arranjo não seja de carácter definitivo, como nos parece que deveria ser dado que esta parte da rua ficará agora com a amplitude delineada, é no entanto de enaltecer a decisão da nossa Câmara.

O problema da Educação

Notas à margem de um artigo de A. Santa Clara

EM artigo publicado em «A Voz de Loulé» de 1 de Dezembro e repetido, por ter saído truncado, no número de 16 seguinte, discreto o nosso prezado colaborador A. Santa Clara sobre o problema da educação, terminando com uma série de perguntas que podemos resumir: pela experiência quotidiana nota-se elevação do nível moral? Tem havido progressos em matéria de educação, construindo-se uma consciência e um carácter? Existe alguma atitude idealista que permita afirmar supremacia dos valores do espírito? Somos mais honestos? O problema da educação será uma banalidade sem importância?

No próprio número de 16 de Dezembro, manifestámos logo o nosso apoio à tese de que tal problema tem uma importância crucial, abonando-nos até com a opinião do Ministro da Educação para quem, segundo o discurso que invocámos, a crise da educação parece ameaçar o Estado no seu melhor fundamento. Mas logo afirmámos a nossa discordância quanto a alguns pontos de vista de A. Santa Clara e prometemos conversar com ele sobre isso.

Essa promessa era garantia de que os pontos de vista de A. Santa Clara não eram perfeitamente filiais pelo jornal ou, pelo menos, por alguém que, dentro dele, tinha autoridade para os não deixar sem comentário. Isso teria a vantagem de fornecer uma oportunidade de se expor a opinião contrária que, de outro modo, podia não ser ventilada.

Uma salutar deformação profissional habituou-nos a

Monumento ao Infante D. Henrique

Por estar já impressa a página... do nosso último número, em que terminava o apreciado artigo do nosso prezado colaborador e amigo sr. Eng. José Maria Farrajota Cavaco, o ligeiro comentário que lhe foi feito, saiu em forma de prefácio — ao princípio — quando deveria ter sido colocado no fim.

Sem que com isso se procurasse diminuir o valor da opinião exposta ou pôr o leitor em disposição antagónica, o que é certo é o facto de ter sido mal interpretado e dele pedimos desculpa ao Eng. Farrajota Cavaco.

O Carnaval de LOULÉ

Dando cumprimento à missão de que foi incumbida no ano findo pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia, a Comissão Executiva do Carnaval de Loulé tem continuado as suas habituais reuniões na antiga Escola Conde Ferreira no sentido de dar início aos preparativos para que resultem tão brilhantes quanto possível as festas deste ano. Assim, deliberou constituir uma Comissão Directiva e outra Executiva, cujos componentes publicaremos os nomes no próximo número.

dar e a aceitar a discussão e é com ela que, por ventura, melhor podemos afirmar e confirmar qualquer posição de luta, no campo de batalha desta vida que, morna, de pantufas e sem ondas... não merece ser vivida.

Posto isto, voltemos ao artigo de A. Santa Clara.

As perguntas formuladas e acima resumidas, constituem um questionário cujas respostas nos dão um panorama da situação educacional dos nossos dias, que, na verdade, não é satisfatória.

Infelizmente não é possível dar respostas positivas francas à primeira, segunda e quarta, em que, em boa medida estamos de acordo com o articulista, mas não é aí que está a nossa discordância fundamental.

Pelo que nos é dado observar e ler, temos de concluir que a crise da educação é uma das características da nossa época, não só no nosso País mas no mundo inteiro.

Onde discordamos de A. Santa Clara é nas premissas de que se serve e que desenvolve para chegar às conclusões com que, antecipadamente, responde, às perguntas que nos põe e, consequentemente, na causa a que, sim e não, atribui a falta de educação atribuída às novas gerações.

A. Santa Clara apresenta dois factos, um ocorrido em 1918 e outro vivido em 1956, para ilustrar o ambiente educativo das duas épocas.

Em primeiro lugar os dois exemplos não nos parecem inteiramente felizes ou equiparáveis e, em segundo lugar, a anotação incisiva feita a cada um não se nos afigura procedente.

A atitude de firmeza da Companhia do Colégio Militar, deante do pânico que fez dispersar o cortejo fúnebre do presidente Sidónio Pais, parece ter sido uma excepção, o que A. Santa Clara reconhece ou tem de reconhecer, ao afirmar que só essa formatura e a dos soldados ingleses da escolta à respectiva bandeira se mantiveram impecáveis, enquanto tudo o mais fugiu «atropelando-se, arrombando portas e estilhaçando montanhas».

Estamos convencidos de que hoje, em idênticas circunstâncias, os actuais meninos da Luz manteriam idêntica compostura.

Cremos, no entanto, que hoje têm aula de Moral e que tudo o mais que em 1918, fugiu, atropelou, arrombou e estilhaçou... não tinha tido aula de Moral.

O comentário de A. Santa Clara ao apurmo da sua Companhia «nesse tempo não havia aula de Moral» não é portanto, muito cabido, como conclusão, ou melhor como insinuação para forçar certa conclusão.

(Continuação na 4.ª página)

ANO NOVO

Palácio de esperanças

Por falta de revisão, não foi mencionado no nosso último número o nome do conceituado colaborador deste jornal sr. Sebastião Leiria, autor do artigo acima referido.

BAILE na Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva

Domingo, dia 13, realiza-se nesta popular Sociedade da nossa vila mais um animado Baile, que certamente decorrerá, como os anteriores, num ambiente pleno de mocidade, música e alegria.

Vem aí o



Rádios PHILIPS
Grandig
Schaub
Siera

LUSTRES

Os mais finos e
lindos modelos

**FOGÕES
A GAZ**
AS MELHORES
MARCAS

PRODUTOS

B P

Electro-Rádio

LOULETANA, L.^{DA}

Av. José da Costa Mealha

Marilis!

Um conto da distinta escritora algarvia

Marisabel Xavier Fogaça

ERA triste, duma tristeza profunda e insondável a loira Marilis! Nos seus olhos, sempre enigmáticos e absortos, nunca brilhava uma chama mais viva; na sua boca vermelha, virginal, via-se sempre um ar de indiferença, de desespero, e os cabelos tão dourados, tão lindos como trigais maduros, apareciam revoltos, desordenados!

Nunca os seus lábios se abriam para sorrir ou deixar passar uma palavra, um gemido! ..

Parecia até, olhando aquela flor de olhos azuis, sonhadores, que ela não tinha coração! ..

No seu palacete erguido em escarpada rocha passava Marilis os dias, longe do mundo, da vida, olhando o mar tão calmo, uns dias, tão terrível outros, sem que o coração vivesse, palpitasse! Além do mar azul e da inqum montanha, a Marilis nada interessava. Nunca a sua vista se erguera ao céu donde às vezes vinha aquela luz argentea que iluminava os lagos do jardim, a saber quem mandara encher de luz a Terra inteira.

Nunca, olhando o céu, perguntou ao seu coração se aquela imensa abóboda que nos cobre, seria habitada, se em cada estrela pequenina e brilhante, haveria uma alma debruçada para nós!

Nunca, vendo o mar tranquilo beijando a praia, ou furiosamente se despedaçando de encontro às muralhas do castelo, perguntou a si mesma quem era Esse que tinha poder para criar e governar as águas.

Nunca, olhando a imensa montanha hoje coberta de neve, a manha de flores de tão variegadas cores e perfumes, se interrogou a saber que mão divina era essa, que lançava sobre a terra aqueles flocos brancos, e que fazia dela brotar, vivas, palpitantes, florinhas humildes e árvores gigantes.

Nunca àquela hora de sol-posto, naquela quietude das tardes de verão, em que parece que a nossa alma mais se aproxima do Criador, Marilis erguendo as mãos ao céu, inquiriu:

— Quem me criou?

... Morreria-lhe a mãe quando era pequenina. O pai nunca o conhecera. Um velho criado mudo, era a sua única companhia.

E Marilis vivia, — se a isto se chama viver, — entre aquelas paredes alcatifadas que abafavam o ruído dos passos e o murmúrio da sua voz infantil que nas horas de mais desalento dizia baixinho:

— Mãe!

Passaram-se noites de prateado luar... dias cinzentos nevróticos, tempestuosos e belos! ..

O tempo correu na sua vertigem, cega, e Marilis fez-se senhora.

Os anos porém não a modificaram nem contribuíram para lhe emancipar o espírito! Continuava extática, contemplando as azeitonas brancas que vinham pousar-lhe nos ombros e a ouvir a música dolente das águas de mistura com o pipilar alegre dos passarinhos que vojavam em redor!

Mas um dia, baixinho, numa prece, num anseio, Marilis deteve o seu olhar profundo na imensidão celeste e murmurou:

Quem fez o céu, o mar, as aves, quem deu às águas a cor dos meus olhos, quem fez o sol que vem beijar-me às vezes, quem fez a Terra de que não vejo o fim, quem fez as flores, tão lindas, do jardim, quem tem poder para governar os astros, que mão divina omnipotente faz com que no lago o coxar das rãs se venha juntar ao marulhar das águas numa confusão encantadora?

Quem me levou a minha santa mãe, quem criou o meu coração e a minha alma, quem me criou?

... Ninguém lhe respondia. Só as aves tornavam mais brilhante o seu cantar e o mar mais manso, mais quieto vinha beijar-lhe os pés! ..

— Quem?

Numa angústia, num anseio, numa inquietação, madrugada ainda, Marilis vinha correndo junto da costa, descia até ao vale, despertava os passarinhos ainda adormecidos, para lhes perguntar:

— Quem?

Naquele dia um sol escaldante inundava a terra duma luz estranha, divina!

Marilis, de cabelos estendidos, de túnica arregaçada, desce apressada a encosta do monte, vem, onde nasceu, sabem quem é Esse artista que dá vida às plantas, ao céu, a tudo! ..

Chega às margens debruçando-se para ele pergunta docemente quem lhe ordena aquele correr constante, qual o seu principio e a seu fim, porque não tem ele a fúria do mar e o mistério das ondas, porque se detém numa pedrinha para logo a transpor.

Inclina-se mais! Debruça-se. . . Sente a água envolvê-la, acariciá-la. . . Mergulha pouco a pouco . . . desaparece. . .

E o rio sempre alegre, agora ainda mais, lá vai correndo, arrastando consigo aquele precioso fardo! ..

Uma comoção forte, um desfalecimento, e Marilis entregue a mercê da corrente está prestes a afogar-se. . .

... Chega aos ouvidos de Marilis um vago rumor de vozes, e as narinas um suave aroma a romsmantinho!

Uma claridade diáfana coa-se pela janela semi-cerrada e vem bater por

(Continuação na 4.ª página)

Diário Loulé

(CONCLUSÃO)

sua arte, perfeitamente integrada num mundo que foi feito para servir de palco, onde os homens e os verbos se movimentam numa ligação eterna e inconstante.

Por tudo, isto, Charles Chaplin, é quanto a nós, o maior artista do nosso tempo. O maior Homem-Artista do nosso tempo.

Abandono:

Vai-te Poesia
Deixa-me sozinho
Dentro da minha angústia
Que já não curas ..

Vai-te Poesia
Deixa que eu sinta a vida
Tal como ela ..

Deixa que eu sinta a miséria
Que já não ocultas
Ao negro dos meus olhos ..

Vai-te Poesia
Deixa-me nas trevas
Que a vida me impõe ..

Porque eu... Oh! Poesia...
A's sombras misteriosas da noite
Quero juntar
E baralhar
À luz ofuscante do dia...

Pedaços do passado:

Nem o nevoeiro brumático do tempo, oculta os dias distantes do pau valente entre a mão ágil e gaiata e o bichano, negro ou branco, talvez sem cor definida, mas concerteza sem pecado nem culpa.

A rua escura e estreita (não foi no Bairro Alto, foi aqui em Loulé...), lá onde os magros raios da lâmpada de 15 magras velas quase não chegavam algo suja e despoliciada, era o campo de acção ideal para tais selvações «lá vai indio» só perdoável aos «cow-boys» de palmo-e-meio que éramos então, e que são outros agora. A «pandilha» dos alegres e bem dispostos (sempre), tinha liberdade de acção, sem o perigo das emboscadas nos desfiladeiros que nós conhecemos tão bem do pequeno (como ele cresceu de lá para cá) eram, onde os bichos e os homens, as pernas de mulher e de piano, as coisas mais diversas se reunem, gesticulam, guerreiam e amam, para divertir os pobres mortais, (mortais, portanto pobres) que, cansados das duras cadeiras nos múltiplos escritórios, procuram esta «beleza de espírito» que são as poltronas de X escudos, e tudo o que se pode ver, ou observar, das poltronas de X escudos. E' que não há dúvida que o que passou é para se esquecer. Como no magnífico «The River» de Jean Renoir:

O dia acaba e o fim começa. . .

O dia acaba e o fim começa. . .

(para mim é um eco a que não posso fugir).

Porém não posso. Não posso ainda que o queira, esquecer o tempo valente do pau entre a unha, na mão ágil e gaiata. Nem o brilho estranho, azul satisfeito, sem realidades de vida, nos olhos de criança. O brilho só é ao mesmo tempo satisfeito, azul (este azul é outro) e estranho nos olhos de criança. . .

Culpas? Que diabo, haverá esse direito? Tê-lo-ei eu? Não, não as tive. Elas não as têm. Para mim têm sempre razão. Sempre.

E a cortina do tempo, desta vez não cai para o chão. Não, nem jamais cairá. Rebolou, rebola, rebolará, pelos indecifráveis labirintos da memória. E essa não passou. . .

Ah! o pecado e a culpa não são palavras do vocabulário criança! .. E era tão bom. . . Lembra-te Teixeira? E tu Jorge? .. E vocês todos, moços da minha rua de então? ..

Ano Novo

Um ano mais a despertar para a Vida. . .

Uma Vida que é tudo dum número astronómico doutras vidas de coisas e pessoas

Sobem no ar mil anseios interrogações???? e os homens vislumbam um porvir de ilusões. . .

E no mar do Tempo o Barco inicia a jornada rumo ao Futuro. . . para uns será pobre jangada para outros potente navio.

E o Mar? Pintar-se-á com todos os adjectivos do vocabulário. Será caminho de rosas. . . Será vereda de esperanças. . . Será ..

Será .. e é tudo o que dele, os poetas podem agora cantar. . .

Casimiro de Brito

COM a devida vénia transcrevemos do jornal «Comércio de Viveres» este simpático rosário de quadras dedicadas à nossa terra E-nos particularmente grato saber a nossa terra acarinhada nas colunas de um jornal de Lisboa.

Os nossos agradecimentos.

O' Loulé—terra tão bela,
De nobre genealogia,
É a mais rica agarela
Dessa provincia Algarvia!

O' minha moira encantada,
O' minha linda princesa,
O' minha risonha fada,
Tens tudo de portuguesa!

Os teus prados salpicados. . .
Dão-te um encanto infinito,
Quando, à tardinha beijados
Pela luz do Sol bendito!

Conténs imensa poesia
Nos teus formosos outeiros
Onde ecoa a melodia
Das plantas dos pegureiros!

Tu, acordas, manhazinha,
Embevecida em canções,
E adormeces, à noitinha,
Ao som dos acordeões!...

Vives feliz e contente,
Cantando, bailando e rindo!
—Teu Carnaval, imponente,
E' de todos o mais lindo!

Quero um dia «combater»
Nele contra teus amores.
Deve ser belo morrer. . .
Numa batalha de flores!

Adoras, com humildade,
Linda terra louletana,
A Senhora da Piedade:
A tua «Mãe Soberana»!

Triste pressão suportante,
Loulé, em tempos remotos:
Deus sabe como enfrentaste
A «fúria» dos terremotos!

Soubeste o Céu conquistar
E, hoje, a tua airosa vila,
De ridente, faz lembrar
Um jardim de gipsófila!

Loulé das amendoeiras
Adornadas de florinhas:
Das verdes alfarobeiras,
Das figueiras rasteirinhas!

Passas a vida a exportar
«Beijinhos» deliciosos:
Sabe o mundo apreciar
Os teus figos saborosos!

És centro comercial
Activo por Excelência,
O' Loulé de Portugal
És filha da Omnipotência.

O' Algarve tentador,
Nem que uma bala me queime,
Hei-de roubar-te um amor
De Loulé a Boliqueime!

Um amor p'ra me ensinar
A bailar o corridinho! . . .
—Loulé, tem pena de mim
Só sei o vira do Minho ..

Manuel A. Moreira

Vilar do Paraíso GAIA



Automóveis

e todos os veículos motorizados Para compra ou venda tratar com Basilio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 —

Loulé.



Agência em LOULÉ
Laginha & Ramos, L.da
Telefone 69

“AMAZONA”



O café que todos preferem

O mais puro

O mais delicioso

Preparação especial de

Manuel Leal Farrajota

Telef. 125

LOULÉ

CURRENTE CALAMO

SOB O SIGNO DE MARTE

(Continuação da 1.ª página)

guerra-fria dos últimos dez anos, iminência da maior hecatombe jamais imaginada — tanto basta, repetimos, para que nós sintamos, justificadamente, um profundo estremecimento.

Ao Mundo, atônito e revolucionário, dos nossos dias, chega um ano em particular dedicado ao deus Marte. Se até agora, abolida a verdadeira Paz, havia guerra e tréguas, piorando as coisas, só posso ver que fiquemos com guerra e guerra.

Terrível vista microscópica festa de toda a desolação que vai pelo Mundo. Passam as Hungrias, as Argélias, os Canais, os Chipres—tanques, bombas, metralhadoras, emboscadas, arame farpado, luto e dor. Uma multidão imensa, alucinada, correndo para o precipício, pelo caminho rubro dos que, negando Deus e a Família, negam a Pátria e se negam a si próprios.

São os homens embatendo brutalmente uns contra os outros, os mais fortes esmagando os mais fracos, porque, a estes, ajudar não querem os que podem e não podem os que porventura poderão. E', em pleno século XX, «a lei do mais forte», «a tampada nos pergaminhos patinados e quebradigos das flatulentas boas intenções dos políticos» — cujos tímpanos não fere o troar dos canhões.

E continua Marte a trazer-nos graves males porque, assim falavam os antigos, «por sua péssima natureza é inimigo da pessoa humana». Por isso dizem os velhos Lunários que cos-

tuma causar latrocínios, incêndios, mortes, injúrias, afrontas e cóleras. A tudo estamos habituados, embora Polícia, Bombeiros, muitos médicos e tribunais.

Quanto à «carestia de trigo» esperamos que não nos falte «o pão de cada dia», porque, parafraseando o Estadista, enquanto houver uma boca sem pão, a luta tem de continuar. E continuará, até deixar de acontecer que alguém morra na fúria, ao lado de homens que morrem de fome.

A não ser que as gentes passem a alimentar-se de granadas, numa sorte de feitiço contra o feitiço.

E a falta de liberdade seria a Libertação; e a fraqueza seria a Força; o esmagamento, a Glória.

Porque, em última análise, todas quantas se fazem, todas se pagam. . .

Há um momento para tudo E' só questão de saber esperá-lo e de saber conhecê-lo.

R. Gesmo

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo—Loulé.

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

LOULÉ

Direcção Clínica de: **Dr. Manuel Cabeçadas**

DR. MANUEL CABEÇADAS

Doenças cirúrgicas e operações

Consultas todos os dias úteis às 15 horas

DR. ALVES VALLADARES

Doenças de nariz ouvidos e garganta

Consultas aos 1. e 3.º sábados de cada mês

Dr. Teodoro de Sousa Pedro — Anestesiologista

TELEFONE 52

LOULÉ

AGENCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

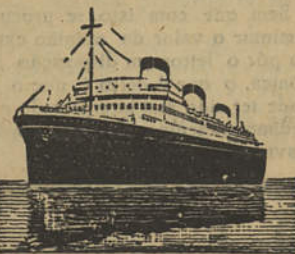
Rua Conselheiro Bivar, 58—Telefone 216—F.A.R.O

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas
as Companhias.

Obtenção de passaportes
e vistos Consulares



Se a sua máquina de Escrever

Necessita ser

Reparada

Limpa

Lubrificada

Deve confiá-la ao técnico habilitado

Joaquim Mariano

Rua Frei Joaquim de Loulé, 34

LOULÉ

Esboços Indefinidos

Orgia Meiga

Postal da Praia da Rocha

HORA do meio dia!

O Sol no Zenith canta as mais gloriosas estrofes de oiro do seu poema de luz, em louvor do Algarve.

Dir-se-ia dele uma ribalta incendiária, em toda a sua intensidade, para dar toda a luz, toda a grandeza de efeitos ao cenário da Praia da Rocha, morena mourisca, folclórica, no seu traje impressionista, em cuja saia se desenhavam as 7 cores do arco iris.

Ao fundo o oceano franja de espumas os mais invulgares instantâneos, estudando qual das rendas melhor se coaduna à aplicação das suas vestes.

A sua epiderme jurássica, quase «tambuchtu», perguça pela areia as suas formas quentes de meridional, no seu temperamento amolecido de sonhadora.

Alto, como se a visão do seu sonho lânguido se corporizasse, recordam-se as silhuetas caprichosas dos «chalets», que são castelos da sua fantasia—tomando forma.

Os seus «olhos» cegos da projecção do Sol, cravam-se no azul do mar, cerrando-se para melhor sonhar o poema dos dois azuis, que se cozem na linha horizontal...

Ao fundo da arcaria mourisca—da abbada imaginária—vagam barcos com as velas incrustadas de metálicos Rafaelens, lembrando cisnes de jaspes e oiros, postos a flutuar para o sonho da Rocha.

O mar sereno, de traje solene, muito azul, bofes e punhos de renda numa admirável imagem fidalga do século XVIII, tem a expressão dos cortejos de antanho, sem uma ruga sequer. Apenas um leve cor de marinheiros nos lábios aprendido com Puccini, e que ele trouxe como canção de amor como madrigal à sua «Butterfly» do Ocidente.

Sol e Mar querem-na, disputam-lhe o amor... Apolo e Neptuno estão em causa.

O Sol, poderoso, gritante, espectacular, declarando metáforas de luz que aquecem, acariciam, enlanguescem; o Mar mais perto dela, mais fagueiro, desdobrando setas e rendas, a seus pés, como um navegante que dos Orientes regressou com o seu galeão recheado de preciosidades.

De olhos cerrados, a Rocha, sonha a canção do mar e adivinha o poema do Sol, estirada no fôco cochim das areias brancas, como uma oriental das mil e uma noites, como uma moira cativa da velha Chelb, como Gilda sonhando a visão nórdica das amendoieiras floridas numa apoteose de neve...

Vem a hora do poente sanguíneo. Vencido da sua rota, o Sol afoga-se na visão distante do mar, para deixar apenas os tons esverdeados, violáceos e rubros da sua saudade...

A Rocha descerra os olhos e vê, com tristeza, que de toda a poesia do Sol ficou a saudade — a noite.

Só o Mar, persiste, numa sonata ao luar, ora em orquestrações wagnerianas de waltz, ora em acossando os seus corcéis, ora em moderatos de Chopin, num Noturno delicioso e triste...

E a Rocha, insensível, parece esperar sempre o Sol, como Julieta esperou Romeu, enquanto o Mar a afaga, exausto do seu idílio, tal como Leandro vencido da travessia do rio para se entregar nos braços da sua amada...

E a paixão do Sol e do Mar dura há milênios, sem desfalecimento ou decisão...

E que a Rocha nasceu rocha-calcaré jurássico — e porquanto seja e mais formosa das praias, não tem coação...

E uma Fheriné autêntica, genial, bem delineada, esbelta, mas só isso... Eis como eu vi a Praia da Rocha. Faro, 27-2-56

António Augusto Santos

A propósito de Poesia

Por A. Santa Clara

(Continuação da 1.ª página)

seu estudo—observação e experiência—não é outra coisa senão o resultado deste interesse.

Na Matemática, porém, dando o seu carácter abstracto, estas imagens não estão presentes aos sentidos, na sua realidade objectiva; é necessário um esforço de atenção para as criar no espírito. E na dificuldade de manter este esforço que reside o segredo da suposta falta de jeito para as matemáticas. O professor hábil e competente saberá criar essas imagens e com elas despertar a curiosidade e o interesse do aluno.

Eu conheci no ensino liceal, este facto, como aluno e também como professor, por experiência própria.

Mas voltemos ao que interessa. Apresento-vos o homem das cavernas, o troglodita, riscando na rocha a figura de um mamute.

—Quem o mandou fazer aquilo? — Ninguém. Procede assim porque aquilo lhe dá prazer. A sua actividade é de pura sensibilidade. A pedra que ele escolheu não risca na outra. — Porquê? O nosso homem das cavernas observa que há pedras que riscam nas outras e há as que não riscam. O seu raciocínio põe-se a trabalhar. Provavelmente o nosso homem leva muito tempo sem compreender a razão disso. Por fim compreende; para riscar é preciso ser mais duro. Aqui temos em matéria de Arte a actividade da Razão ocupada num pormenor que diz respeito à Técnica. Mas em matéria de Ciência o troglodita fez uma descoberta, adiantando alguma coisa ao seu conhecimento.

Aquele homem tem um companheiro que pretende também fazer desenhos nas paredes da rocha. Esse companheiro é hábil em escolher as melhores pedras e até se aperfeiçoou fazendo-lhes uma ponta mais cortante. Mas os mamutes que desenha não se parecem com mamutes. Aqui temos um progresso da técnica sem qualquer progresso na Arte.

— Isso que está aí não se parece com um mamute! — diz o troglodita do lado. E' claro que não se exprime deste modo. Mas enfim, seja como for, exprime-se; e a sua ideia é essa: Não se parece. Aqui temos o primeiro critério de Arte. Qual foi o seu critério? Foi este: estar ou não parecido. E' este, de facto, desde o troglodita até aos nossos

dias, o critério fundamental da obra pictórica.

Mas, é claro, muita coisa há a dizer ainda. Do troglodita ao surrealista vai uma grande distância; mas nesta grande distância, — neste período enorme há duas coisas que se mantêm como constantes: Sensibilidade e Razão. A diferença entre essas duas coisas consiste nisto: a Sensibilidade, quando cria a Obra de Arte, manifesta-se por necessidade de expressão, como acto voluntário; a Razão quando realiza a obra científica, manifesta-se por necessidade de entendimento, como acto espontâneo. Em Arte há criação; em Ciência há descoberta.

Quando o primeiro troglodita-critico disse que o mamute não estava parecido, raciocinou e a sua atitude foi um acto espontâneo, independente de sua vontade — um acto que resultou da observação dum fenómeno e dum raciocínio elementar. Foi assim que ele distinguiu também, dois mamutes dum só mamute, duas e tres pedras, duma só pedra—isto é, foi assim que nasceu a ideia de número que iria influenciar depois todo o seu raciocínio. Estar parecido e não estar parecido; uma pedra, duas pedras — aqui estão já os dois conceitos de Qualidade e Quantidade, resultantes ambos duma actividade conjunta de Sensibilidade e Razão.

(Continua)

Para evitar

estravios do jornal, pedimos aos nossos assinantes a favor de nos comunicarem a mudança de endereços e bem assim qualquer irregularidade na recepção do jornal.

Transportes de Carga Louletana, L.^{da}

Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas) Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 2

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

onde se apresentam as preciosidades da casa por detrás das portas envidraçadas e tirou dali um lindo prato com uma cercadura azul e um grande ramo de flores no meio, rodeado de frases sentenciosas:

Um petisco é um regalo, o pior é pagá-lo...

Deus dá aos homens a graça mas eu moro na desgraça.

O inferno é muito quente e o fogueiro é diligente.

As vacas comem erva o homem, come-o a terra.

Junto ao queijo uma enorme rosca, especialidade de Berna, entrelaçada como as tranças das mulheres, duma linda tonalidade castanha e amarela, feita da melhor farinha, ovos e manteiga, do tamanho duma criança de um ano e quase com o mesmo peso; e em redor ainda plantou dois pratos onde encastelou apetitosos docinhos de aveia sobre um, e doces de ovos sobre o outro; no fogão havia creme espesso e quente, coberto

«Loulé... em retrato»

ANO NOVO, vida nova! O dia de Ano Novo, passou-se com chuva.

Dia triste nas ruas, sem movimento, sem alegria esufiante, como seria natural.

Mas, intimamente, todos satisfeitos, todos alegres, porque o novo ano começava com aquilo que tanto faltara no velho: a chuva.

De facto o ano agrícola que passou, foi mesmo um ano bissexto. Há sempre a velha crendice de que o ano bissexto é mau para tudo.

E até há quem tenha medo de se casar em ano bissexto...

Não nos podemos esquecer de que Loulé, à um concelho essencialmente rural. São quase 52 000 habitantes na circunscrição administrativa, mas a população urbana da vila não excede, com a melhor boa vontade, 7.000 habitantes. E, destes, há ainda alguns milhares que vivem da agricultura, ou de indústrias ligadas à mesma.

Por isso, às vezes, nos aborrecemos quando vemos ou ouvimos certos estratégias a quererem regular a marcha da vida do concelho, pela vida e costumes da vila.

Isso seria um contrassenso, pois não podemos subordinar os interesses e as necessidades de 45.000 aos de uma escassa minoria de 7.000.

Muitas pessoas que leem estas desataviadas linhas, só procuram descobrir nelas maldade.

Em geral, o que aqui se escreve poderia traduzir-se por humanidade e isenção. Mas, porque a maldade é muita, só se procura maldade, só se pretende descobrir maldade, só se com-

preende que é com maldade o que se escreve.

Outros, quando se fala num melhoramento ou necessidade premente para uma freguesia ou para o concelho, dizem logo: «Não tem autoridade de falar, porque em tantos anos que o podia fazer não o fez!»

Oh! Santinhos! Então era possível fazer tudo? E se não se fez, ou porque não houve ocasião, possibilidade, digamos mesmo oportunidade, é que se há-de deixar de fazer?

Outra faceta muito em moda de atacar é a que se define por: «Isso foi começado há tantos anos e só agora é que veem que não está bem!»

Então o facto de ter sido começado há tanto tempo é que absolve o que está mal?

Se está mal, está mesmo e há que corrigir, tenha começado hoje ou há muito, porque pode haver muita coisa que estivesse mal e não se tivesse dado por isso, não fosse oportuno mexer-lhe então, ou até porque o mal não seria tão irritante ou visível.

Estas facetas da vida de Loulé vêm a propósito do Ano Novo.

Oxalá, este ano, traga mais fartura, mais paz e concórdia às almas desavindas, possa tornar mais limpa, mais sã e mais pura a boa vontade de servir e auxiliar o bem e o progresso do concelho, factor comum a que devemos sacrificar ódios, más vontades, despeitos e tantos outros vícios, quantas vezes injustificados, e que só se explicam por interesses particulares feridos.

Reporter X

VENDE-SE TERRENO

Autorizado para construção, na Avenida Marginal em Quarteira.

Tratar com Isidoro Martins dos Santos, em Quarteira ou Loulé.

INGLÊS

Pessoa diplomada por Cambridge dá explicações.

Informa Telefone 244 — LOULÉ.



CANTINHO

das LEITORAS

Prezadas Leitoras:

Doravante teréis neste jornal «O Vosso Cantinho».

Embora modesto, ousamos esperar que ele mereça a vossa boa atenção, pois representa o grande desejo de «A Voz de Loulé» vos ser agradável... e alguma coisa útil.

Neste intuito procuraremos preencher-lo o melhor que pudermos e soubermos.

—Abordaremos assuntos que vos digam respeito [que vos interessem]; dar-vos-emos múltiplos conselhos; ensinaremos coisas da vida caseira; ... E até falaremos das encantadoras futilidades que se prendem com a Moda...

—Claro que contamos com a benevolente boa vontade (magnanimidade, generosidade) das Leitoras para nos perdoarem, se a escolha e «arrumação» dos assuntos no Vosso Cantinho não vos agradar plenamente...

Aliás, neste caso, poderiam dar-nos uma sugestão que muito agradeceremos...

Uma sugestão... ou várias (mesmo muitas)... Pois que, sendo este Cantinho das Leitoras, não deve ser lo apenas no nome...

—Que é como quem diz: Ficamos aguardando a vossa preciosa colaboração...

Entretanto e para começar permitam-nos que façamos três recomendações, extensivas a todas as mulheres, indicando as coisas com que se deve parecer — e não parecer:

1.ª — A mulher deve parecer-se com o caracol que está sempre em casa. Mas não deve parecer-se com ele, que leva em cima de si tudo quanto tem.

2.ª — Deve parecer-se ao eco, que não fala antes de interrogado. Mas não deve parecer-se a ele, que é sempre o último a falar.

3.ª — Deve parecer-se ao relógio da torre, que anda sempre certo. Mas não deve parecer-se a ele, cujo badalar se houve por toda a parte.

Os olhos das mulheres

Há tempo uma revista francesa feminina, lançou um concurso sensacional que visava a apurar qual o olhar de mulher, mais preferido pelos seus leitores.

A classificação fez-se da seguinte forma:

- olhar mais natural;
- olhar mais fascinante;
- olhar mais feminino;
- olhar mais penetrante;
- olhar mais simpático;
- olhar mais voluntarioso;
- olhar mais provocante;
- olhar mais alegre;
- olhar mais maldoso;

E qual julgam os senhores que foi o preferido?

As mulheres votaram pelo último e os homens pelo primeiro!

Segredos da boa Cozinheira

— Nas sopas de puré de batata, com ou sem hortaliças, deite sempre, ao tirar, algumas colheres de leite e um bocado de manteiga. Ficam mais saborosas e finas.

— Um ramo de alecrim, quando se põe a carne a assar, torna a aromática. Achamos que podem experimentar sem receio...

Uma Maria da Graça

fresca rapariga e, encaixilhada na porta aberta da sala, com o saco de café em grão, ainda aberto, uma bonita mulher um tanto pálida dizia: «tu, parteira não me torres hoje o café tanto; não vão eles pensar que estive para poupar a pólvora. A minha futura comadre é medonhamente desconfiada, pensa sempre o pior das outras pessoas».

Afinal neste dia que mais me dá, mais meia libra menos meia libra? Olha lá, não te esqueças também de ter o doce pronto a tempo e horas. O avô era capaz de supor que nem era um baptizado, se se não apresentasse um desses bolos aos padrinhos, antes de irem para a igreja.

Nada de economias, estás a ouvir? Na tijela que está em cima do banco encontras acafrão e canela; o açúcar está aqui em cima desta mesa, e ali tens o vinho, deita até te parecer, pelo menos meia dose a mais; num baptizado nunca deve haver a preocupação de poupar estas coisas.

É hoje que se vai celebrar o baptizado da criança; em casa a parteira desempenha agora tão bem as tarefas de cozinheira como antes os da sua profissão; mas tem de se aviar, se quiser estar pronta a tempos e horas, para preparar com um fogão tão pequeno os cozinhados que o uso requere para estes momentos solenes.

Trazendo um volumoso pedaço de queijo na mão, chegou agora o dono da casa, um homem alentado; tirou de cima do banco luzidio um prato qualquer; pôs nele o queijo e ia a colocá-lo sobre a mesa de nogueira amarelo-torrado da sala. «Ora! Ora! Benz!!» — exclamou a consorte, uma bonita e pálida mulher — «muito se haviam eles de rir, se nós não tivéssemos um prato melhor para o baptizado do menino». E foi direita ao armário envernizado de madeira de cerejeira, chamado Buffert,

Florescem já as Amendoeiras EM LOULÉ

São poucas ainda — e as flores ainda timidamente mal desabrocham — mas já a sua rósea brancura se destaca e prende a atenção — emprestando aos arredores da vila — onde as vimos — a festiva graciosidade do mais sugestivo Cartaz algarvio...

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Janeiro:

Em 16, o menino Carlos Alberto Simão Maio e a menina Maria Amélia Coelho Guia, residente em Grândola.

Em 17, a sr.^a D. Florinda Maria Aleixo de Sousa, os srs. José Manuel Ferreira e Manuel Sérgio Viegas Gago e a menina Maria Sofia Pacheco Magalhães Pinheiro, residente em Faro. Em 25, a sr.^a D. Maria Tomaz Sequeira da Silva e o sr. Padre João de Jesus Martins.

Casamentos

— No pretérito dia 6 de Janeiro, realizou-se na Igreja de S. Lourenço (Almancil) o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Florinda Aleixo de Sousa, preçada filha do sr. Francisco de Sousa e da sr.^a D. Maria da Piedade, com o nosso prezado assinante sr. José de Freitas Gabriel, conceituado comerciante da nossa praça, filho do sr. Joaquim de Sousa Gabriel (falecido) e da sr.^a D. Maria das Dores Freitas.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, a sr.^a D. Maria das Dores Freitas, mãe do noivo, e a sr.^a D. Piedade Agostinho Faisca, tia da noiva, e por parte do noivo, o sr. Manuel Farrajota Martins e o sr. Joaquim Guerreiro de Freitas.

Em casa da noiva foi servido um fino copo d'água, aos numerosos convidados.

— No passado dia 6 do corrente, realizou-se em Monchique, o enlace matrimonial das sr.^{as} D. Maria de Jesus Medronho, filha do sr. José Inácio Medronho e da sr.^a D. Margarida da Conceição, com o nosso conterrâneo e prezado assinante em Portimão sr. Isidoro Gonçalves Calço, filho do sr. Manuel de Sousa Calço (falecido) e da sr.^a D. Maria Francisca de Brito.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a mãe do noivo e por parte do noivo os srs. António Nobre Amado, proprietário, natural de Monchique e José Semão de Sousa, comerciante da nossa praça.

Depois do finíssimo copo d'água, servido em casa dos padrinhos, os noivos seguiram para Portimão, onde fixaram residência.

Os nossos parabéns aos novos casais, com os desejos sinceros de uma perene lua de mel.

Falecimentos

— No dia 3 do corrente faleceu nesta Vila a Sr. D. Ana Rosa Matos Lima, de 80 anos de idade, viúva de José Guerreiro Matos Lima e mãe dos nossos estimados assinantes e prezados amigos Srs. Viriato José de Matos Lima, chefe de estação reformado, José Guerreiro Matos Lima, proprietário e Adelino Gonçalves Matos Lima, benquista comerciante da nossa Praça.

O seu funeral constituiu uma profunda manifestação de pesar, pois a extinta era muito estimada pelas suas qualidades pessoais e dotes morais.

— Em Setúbal, onde se encontrava em casa de sua filha a D. Maria Cristina Gomes, faleceu a nossa comprovinciana sr.^a D. Rita Gomes Cristina, natural de Vila Nova de Caceres, esposa do sr. José Guerreiro Cristina, proprietário naquela vila, donde é também natural.

A extinta, senhora dotada de generoso coração, era mãe das sr.^{as} D. Júlia Guerreiro Cristina Peres, casada com o nosso muito prezado redactor, o jornalista sr. Luis Sebastião Peres, distinto funcionário da Junta Central das Casas dos Pescadores em Lisboa; D. Maria Cristina Gomes, casada com o sr. José Gomes, Guarda Fiscal em Setúbal e do sr. José Guerreiro Cristina Júnior, funcionário da Junta de Freguesia de Caceres.

O seu funeral teve lugar no passado dia 6 do corrente, em Setúbal.

— Com 53 anos de idade, faleceu no dia 28 de Dezembro em Lourenço Marques, onde residia há anos, o nosso conterrâneo sr. Carlos Afonso Rodrigues, funcionário dos Caminhos de Ferro naquela cidade, e muito estimado pelas suas qualidades. Deixou viúva a sr.^a D. Maria da Encarnação Galo e era irmão dos srs. José, Manuel, e Aníbal Afonso Rodrigues, cunhado dos srs. José Guerreiro Santos Galo e Manuel Carapeto Melenas, residentes nesta vila.

A's famílias enlutadas «A Voz de Loulé», apresenta sentidas condolências.

BAILE dos estudantes

Com o pedido de publicação recebemos da Comissão Organizadora a carta que a seguir transcrevemos:

A Comissão do Baile dos Estudantes, em virtude de não poder agradecer a todos pessoalmente, vem por intermédio de «A Voz de Loulé», agradecer às seguintes entidades:

Em primeiro lugar à Empresa de Viação Algarve por todas as facilidades concedidas sem as quais não teria sido possível realizar o baile.

A Câmara Municipal de Loulé, ao seu Vice-Presidente Sr. José João Ascensão Pablos e Secretário Sr. Dr. António Joaquim de Almeida, pela maneira gentil como atenderam os nossos pedidos.

Queremos também agradecer às seguintes sociedades:

Sporting Clube Atlético, Sociedade Recreativa Artística Louletana, Sociedade Recreativa União Marçal Pacheco, assim como à Junta de Turismo da Praia de Quarteira.

A firma Andrade & Barracha, Lda e a todos os particulares que de qualquer forma contribuíram para o êxito da nossa festa, cujo resultado financeiro foi o seguinte:

RECEITA	
Baile	11.413\$20
Bar	560\$00
	11.973\$20
DESPESAS	
Baile	3.668\$30
Ceia	3.196\$80
Bar	513\$10
	7.378\$20
Saldo	4.595\$00

O produto liquido foi entregue às seguintes instituições:

Creche	3.130\$00
Cantina Escolar	500\$00
Hospital	500\$00
Assistência	465\$00
Total	4.595\$00

A Comissão

50 anos de Argentina

Em Agosto do ano findo celebraram o 50.º aniversário da sua chegada à Argentina o sr. António da Costa e esposa, D. Rosária Santa Rita, naturais do nosso concelho, e da freguesia de Boliquireme e ela da de Querença, e que, ainda de perfeita saúde, contam respectivamente 92 e 77 anos de idade.

Embora residindo há meio século longe do País, aonde não tornaram, ainda não esqueceram a sua terra e por isso saudam, por nosso intermédio, os parentes e amigos que deles se recordem.

Casamento

Para fins matrimoniais, deseja um português residente no Canadá, corresponder-se com menina de 16 a 22 anos de idade, com alguma instrução.

Dirigir correspondência para António Bica — Camp 51 Caramat — Ont. — Canadá.

In Memoriam

Do Engenheiro Geógrafo Artur do Canto Resende

[Continuação da 1.ª página]

mor e considerando Portugal como inimigo, por «ter deixado», diziam eles, desembarcar tropas australianas e holandesas, cometeram as maiores atrocidades e latrocínios.

E então, que em nome dos portugueses, se agiganta uma figura — a do Eng.º Canto Resende — que assumindo o ingrato e difícil encargo de dirigente e responsável pelos destinos daquela gente, discute, luta, convence e embaraça em nome da Nação Portuguesa, os agressores estrangeiros, conseguindo deles notáveis concessões e a satisfação de algumas exigências que o nosso patriotismo impunha.

Morreu às mãos dos opressores, preso na ilha de Aler, contaminado por doença infecciosa, este grande Herói Nacional que bem mereceu as numerosas consagrações que lhe têm sido prestadas.

Ao nosso Ilustre conterrâneo sr. Dr. José António Madeira, Presidente da Direcção daquele Sindicato Nacional, as nossas efusivas saudações, pela forma elevada, digna e verdadeiramente brilhante, com que contribuiu para a publicação do «In Memoriam» e para o brilho da concatenação dos notáveis elementos que o constituem.

R. P.

Casamento

Português, residente no Canadá deseja corresponder-se para fins matrimoniais, com menina de 16 a 22 anos de idade, com alguma instrução.

Dirigir correspondência para João de Lima — Camp. 51 Caramat — Ont. — Canadá.

Trespassa-se

Um estabelecimento de Mercadorias, na Rua Serpa Pinto, 27 e 29, em Loulé.

Quem pretender dirija-se à morada indicada

MOLEIRO

Precisa-se, que saiba trabalhar trigo em moinho de vento.

Na freguesia de Alte, sitio do Azinhal.

Quem estiver interessado dirija-se a João Ramos — Rocha da Pena — Salir.

Marilis!

(Continuação da 2.ª página)

sobre o pequenino leito onde está estendida.

As palpebras, por um esforço da sua vontade, vão a pouco e pouco abrindo.

Onde está?
Num aposento caído de fresco, quase sem mobília, num feito humilde de ferro, todo branco, tam branco como os lençóis que cheiram a alecrim...

Os seus olhos da cor do mar, seguindo a réstea de luz, vão pousar-se numa imagem pura, sublime e imaterial!

Que representa?

Um menino de doces olhos imaculados e boca virginal, um menino descalço, de túnica nua, de cabelos anelados circundados por um resplendor de luz e de claridade; aponta o céu com as suas mãos pequeninas!

E há tanta verdade naquele gesto humilde, que Marilis compreende que é ali que habita aquele que dá vida aos seres, amor aos corações!

... Mas o seu êxtase é interrompido por uma voz meiga, infantil, uma voz sincera que murmurava:

— «Meu menino Jesus que estás nos céus, que tiveste poder para criar o mundo, que és Senhor de tudo o que existe, fazei com que a Senhora que o Paizinho trouxe do mar se salve!»

Ressuscitou-a como fizeste a Lázaro; e se ela pecou, perdoai-lhe como a Santa Maria Madalena!

Marilis naquela prece fervorosa, encontra a resposta à sua alma.

E enquanto a criança continua, desce lentamente do leito e vem, num amplexo acariciador, acabar com ela a sua oração!

... A' noite, à hora em que a natureza se esconde tója num véu negro de tristeza e de escuridade, em volta da toska mesa de pinho da casa do pescador, Marilis sorri docemente para o velho lobo do mar que a salvara da corrente e acompanhava devotamente a oração de graças a Deus que está no céu, à pequenina filha do seu salvador!

E decorrido dias, quem passasse por ali veria o mais belo quadro que Deus pôde criar.

Uma criança, humildemente vestida junto a uma senhora fidalga, ensinando-lhe e explicando-lhe o «Pai nosso que estás nos céus».

Meses volvidos, a casa do pescador foi abandonada.

E no rico palácio de Marilis, no lugar de honra, colocada a humilde imagem de Jesus, que fizera o milagre da sua redenção!

E enquanto do céu desce o agradecimento de Deus, Marilis num abraço amigo, junta os seus salvadores, leva-os consigo, e reparte com eles, em nome de Deus que só hoje conhece, o ouro amalhado nas arcas do castelo!

Desde então em letras de ouro, à entrada do Parque, lê-se esta frase que define bem a verdade do sentir de Marilis:

Só hoje, que conheci Jesus, comecei a viver!

Marisabel Xavier Fogaça

PIPAS

500 700 litros de capacidade compram João Pires & Filhos, Lda Telef. 18 — FARO.

Alfarrobeiras

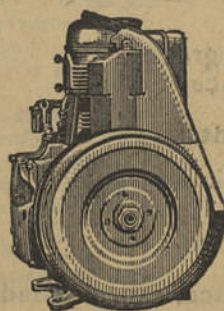
Cedem-se alfarrobeiras que sobram de viveiro. Tratar na Farmácia Pinto — LOULÉ

Motores Diesel «SENDLING»

de 2/5 H. P.

Arrefecidos por ar

A última palavra da Indústria Alemã especialmente indicados para grupos MOTO-BOMBA



Agente geral no Algarve

José de Sousa Pedro

Rua 5 d'Outubro, 29 a 33

LOULÉ

O problema da Educação

(Continuação da 1.ª página)

Por outro lado, nem nós nem A. Santa Clara podemos afirmar se seria ou não diferente, da de 1956, a atitude de outros estudantes de 1918, embora naquele tempo, não houvesse aula de Moral. E' possível que tivesse sido, mas a razão não está na aula de Moral, como adeante veremos.

Em comentário ao que sucedeu em 1956, com mais justiça se diria: apesar da aula de Moral.

Seja como for, temos de reconhecer que o regime educativo e disciplinar, de características nitidamente castrenses do Colégio da Luz, inaplicável em qualquer estabelecimento de ensino — especialmente externos como são os liceus — o coloca hors concours, isto é exclui-o, para esses efeitos, de entre os termos de comparação.

Sem pôr em dúvida que o apurmo revelado tivesse sido atribuído individual de cada um dos componentes da Companhia, verificável mesmo quando desenquadrado, não nos podemos esquecer que se alguns estudantes tomaram atitudes descompostas, em Faro, só depois de libertos da presença dos seus professores, como A. Santa Clara reconhece, e que ao comandante da Companhia ainda que aluno, é devido tanto ou mais respeito que a qualquer professor, quando em formatura.

De maneira nenhuma pretendemos justificar os rapazes que, depois de uma manifestação do sentido tão elevado, não souberam dispersar em boa ordem e, com Santa Clara, entendemos que a sua atitude não devia ter sido «tapada» e antes abertamente comentada.

Ter-se-iam ensinado os que por falta de educação a provocaram e suscitado vergonha e arrependimento naqueles que, inconsideradamente, levianamente, nela foram levados, pela pouca idade ou pela influência que a «manga», pa-se o calão académico, sempre exerce em cada um dos que a constituem.

Bem diz o povo que muita gente junta não se salva e infelizmente a multidão, a massa, embora nela predominem os bons, quase sempre se deixa dominar pelos piores.

Apesar das modernas teorias contra os preconceitos, dos chamados espiritos livres, do culto da personalidade sem peias (que serão talvez a causa de tanta asneira que se faz e de tanta falta de vergonha que se exhibe até como reacção contra preconceitos e que no fundo é falta de educação e de respeito pelos sentimentos alheios) a critica publica ainda uma útil instituição.

Será um freio para aqueles a quem ainda resta um pouco de respeito pelo juízo que deles possam fazer os seus concidadãos e um magistério para os que, por ignorância ou falta de esclarecida educação, não tem maneira mais fácil de compreender o que há de reprovável em actos e atitudes. Talvez mesmo que na instituição nacional de cobrir o que pareça mal, de tapar erros e de salvar as aparências constitua, em acentuado grau, um factor, predominantemente desiducativo.

A uns não se dá o castigo do pelourinho, a outros não se ministra o proveitoso ensino dos exemplos vividos e a massa, pela perda do senso critico, vai aceitando, em regime de passa culpas, todas as atitudes e todos os tores da vida.

Mas porque não tem pogredido o nível moral? São as aulas de moral? Há ou não factores reais e diferentes da aula de moral?

Porque vamos muito alongados, deixaremos isso para outro artigo.

J. R.

1.º Sargento

António da Silva Farias

TENDO o nosso jornal publicado,

no n.º anterior, em correspondência de Querença, a visita a seus pais deste nosso prezado assinante e tendo-lhe atribuído, por lapso, o título de Dr., vimos fazer a devida rectificação.

«O seu a seu dono»

VIAJANTE PRECISA-SE

Com carta de ligeiros, conhecendo o ramo de miudezas e viagem Alentejo Algarve, dando boas referências, precisa-se já com bastante prática, não importando estabelecer bom ordenado,

Nesta redacção se informa.

ARMAZEM

Aluga se, na Rua de S. Domingos, n.º 15.

Quem pretender dirija-se a António Viegas — Rua de S. Domingos — LOULÉ.

Aos Senhores

Livros de recibos para rendas de casas, vendem-se na Gráfica Louletana

A Voz de LOULÉ

ASSINATURAS

Trimestre	14\$00
Semestre	25\$00
Ano	50\$00
Ultramar (Ano)	60\$00
Estrangeiro (Ano)	70\$00
Avulso	1\$20